

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Barra d'Anta

código
AV - FO6 - Sap

localização
Rodovia BR-393, Anta - 2º Distrito de Sapucaia - RJ

município
Sapucaia

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



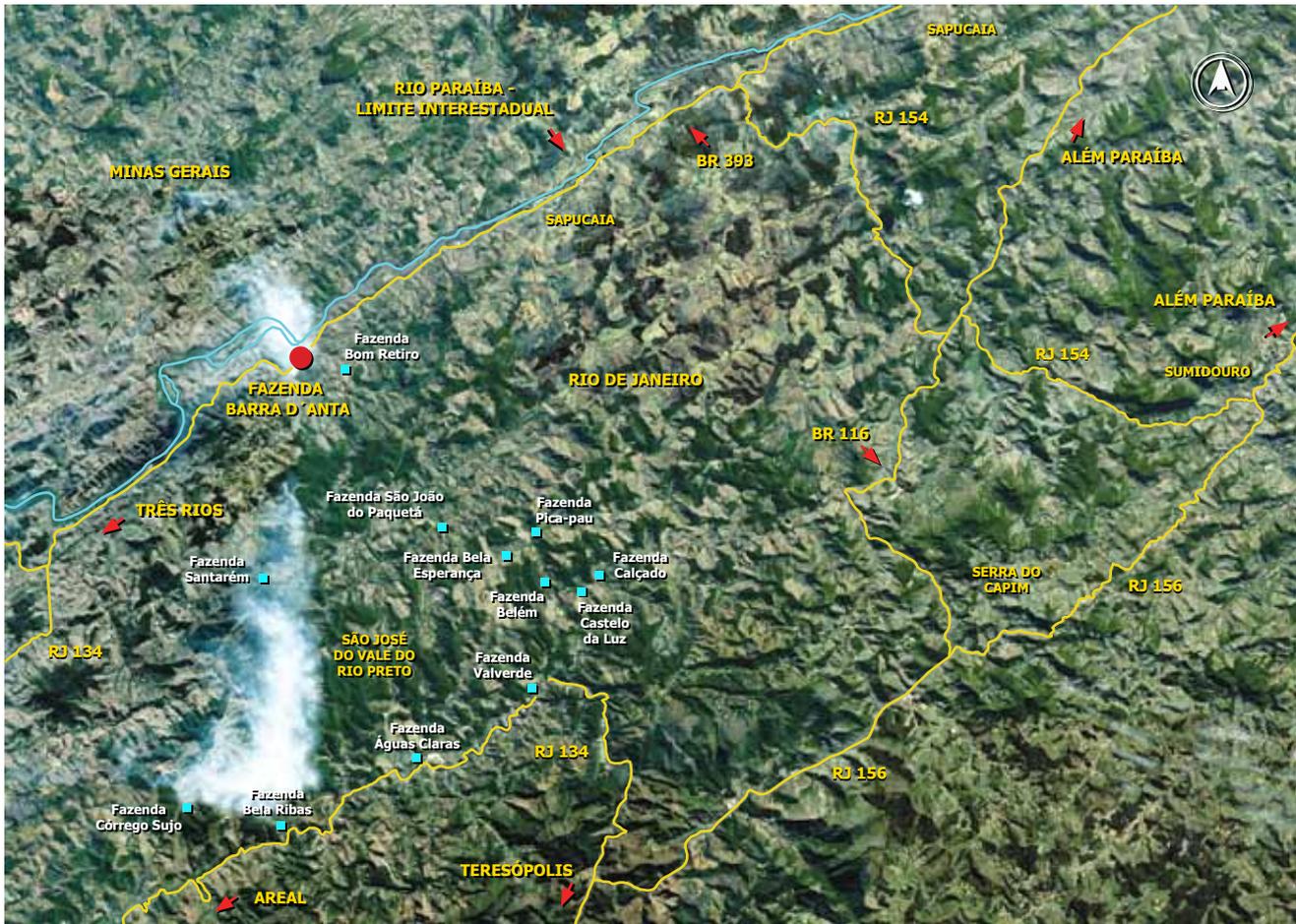
fonte: IBGE - Anta



Fazenda Barra D'Anta - fachada principal da sede

coordenador / data **Sonia Mautone Rachid - abr 2010**
equipe **Sonia Mautone Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius Silva Gomes**
histórico **Sonia Mautone Rachid**

revisão / data
Thalita Fonseca - mai 2010



situação



ambiência

No km 142,5 da rodovia BR-393, em Anta, no centro do lugarejo, em meio ao casario, uma estradinha estreita e íngreme, com piso de pé de moleque e menos de 200 metros de extensão, conduz à sede da Fazenda Barra d'Anta, circundada por um bambuzal, frondosas mangueiras e *flamboyants* (f01).

A fazenda está situada no topo de um morroto, onde as suas instalações encontram-se implantadas. Segundo relatos, a primeira sede da fazenda ficava localizada no sopé do morro, onde hoje passa a rodovia BR-393, tendo sido posteriormente transferida para o sítio atual.

A chegada é feita pela lateral esquerda da casa (f02 e f03), onde existe um quiosque com telha de amianto sustentado por peças de madeira e piso cimentado (f04). No gramado, bancos e mesa de pedra oferecem-se como espaço de lazer e também como mirante, que permite observar a paisagem circundante e a ocupação no seu entorno.

Complementa esse cenário a estrada de ferro que corre paralela ao Rio Paraíba do Sul, limite entre MG e RJ (f05).



01



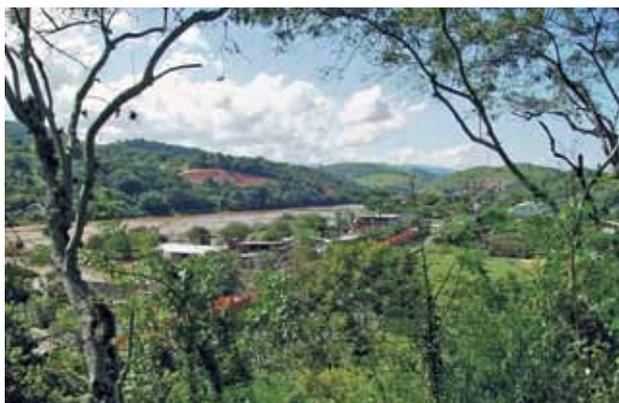
02



03



04



05

O caminho de terra batida, com árvores e palmeiras esparsas, leva à varanda dos fundos (f06), onde existem duas garagens (f07 e f08), além de um local para criação de pequenos animais e depósitos (f09), cujas construções são simples, em alvenaria e cobertura de telhas de amianto. Aos fundos do casarão, um grande pomar cria uma barreira visual com seus pés de jamelão, amora, carambola, caqui, graviola, goiaba, abacate, pitanga e vários cítricos. No meio desse arvoredo foi construída uma piscina (desativada) em alvenaria de tijolos (f10), e o antigo paiol, também ali localizado, está na iminência de desabar (f11e f12).

Na lateral direita, mais próximo a casa, está a caixa d'água em alvenaria, construída sobre um banheiro rústico (f13), e mais adiante, estão situadas a antiga morada do caseiro (hoje desabitada) uma pocilga, utilizada como depósito, e uma antiga caixa d'água em pedra talhada (f14), com tanque em tijolo maciço. Ao redor, encoberto pelo mato, um lajeado em cantaria (f15) revela que ali, no passado, era a chegada de serviço da fazenda, onde os cavaleiros apeavam. Ainda hoje, a casa é abastecida pela água de uma nascente.



06



07



08



09



10



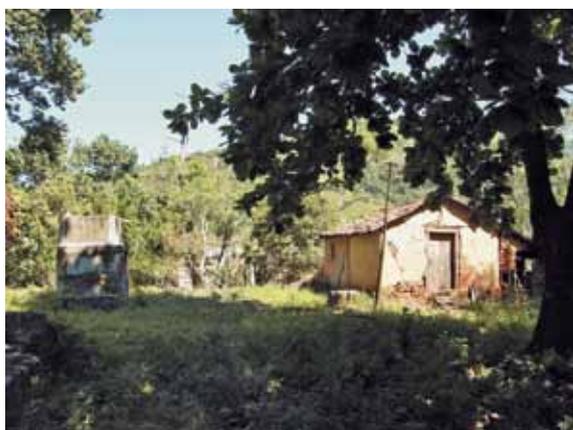
11



12



13



14



15

Do jardim à frente da fachada principal (f16), voltada para o Rio Paraíba do Sul, se tem uma visão privilegiada da bela paisagem ao redor (f17), com os morros ao longe e a ponte de ferro que conduz, pelo sopé da fazenda, à linha férrea por onde passam os vagões de carga. Conta-se que D. Pedro II, por ocasião de passagem pela região, se hospedava na Fazenda Barra d'Anta, dada a proximidade desta com a ferrovia, o que facilitava o embarque – mas esse episódio tem registro apenas na história oral. Vale ressaltar que esse acesso até a sede se faz por uma escada íngreme (f18 e f19), de 74 degraus, em blocos de pedra apoiados sobre a terra, vencendo um desnível de cerca de 20 metros. Causa certo impacto visual a proximidade do conjunto histórico com o local de construção da barragem da Usina Hidroelétrica – UHE Anta (f20) – iniciada em 2008.

Protegendo a entrada frontal da propriedade, está uma murada de meia altura, em pedra insossa¹, arrematada por um gradil em ferro fundido, combinação que compõe toda a extensão da testada do terreno. Ali, o acesso se localiza ao centro dessa murada, que tem conformação arqueada (f21), em uma área de recuo: o portão em ferro fundido é fixado em duas sólidas colunas de pedra, decoradas com belos pratos em cantaria (f22). Registra-se que existiam nesse pátio frontal treze palmeiras imperiais.

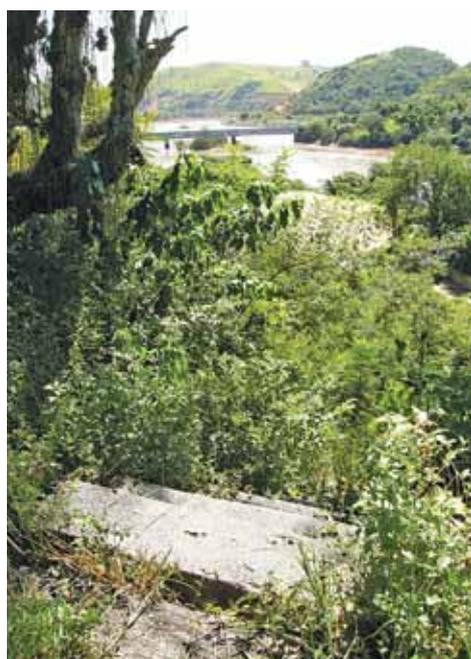
O curto caminho até a porta de entrada da casa é revestido por tijolo maciço, acompanhado lateralmente por árvores ornamentais e frutíferas e dois pequenos espelhos d'água desativados, de formatos circulares, em tijolo revestido de cimento, indicando que existiam chafarizes decorativos com repuxo (f23).



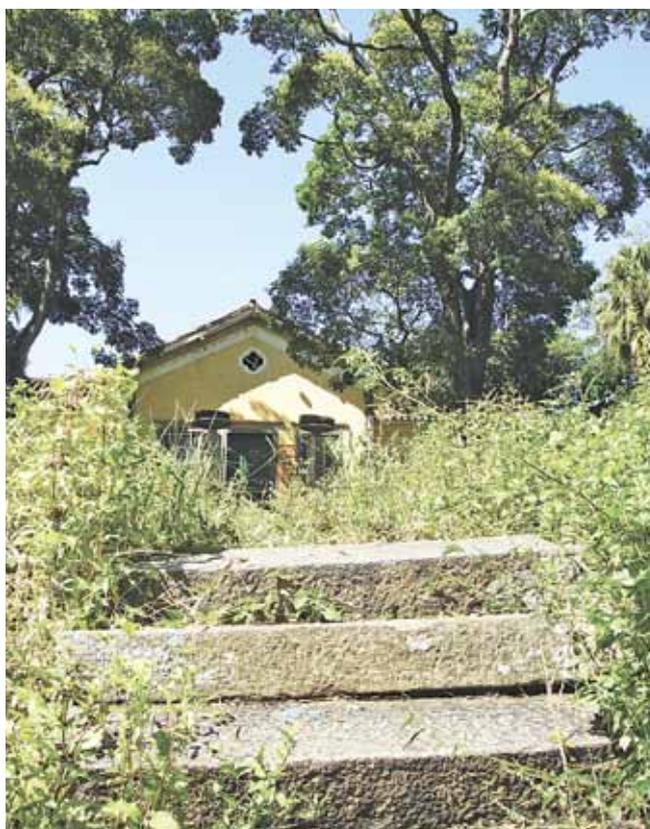
16



17



18



19

¹Alvenaria de pedras justapostas, sem argamassa de ligação.



20



21



22



23

O edifício, com planta que se aproxima de uma cruz grega (f24), possuía ao centro, no encontro dos quatro blocos da edificação, um segundo pavimento, que foi demolido por volta da década de 1950, em razão de estarem suas estruturas comprometidas.

Uma gaiola feita por um artesão da região ilustra – como em uma maquete (f25), e mantendo as devidas proporções – os moldes do antigo casarão, nos instigando a imaginar como era bela e singular a arquitetura original do casarão.



24



25

A casa-sede em estilo chalé, a exemplo das construções do final do século XIX, traduz originalidade em sua conformação geométrica, construída sobre porão baixo ponteadado com respiradouros em toda a volta, embasamento de pedra revestido com emboço na cor cinza e cunhais de madeira. Na visada da fachada principal, o bloco central se sobrepõe às paredes anteriores (f26), constituindo um dos “braços” da edificação. No conjunto dos fundos, o bloco central sobressai à construção, fugindo da planta em cruz (f27). Observa-se que parte da sobreverga foi seccionada.

A porta principal é em madeira, de verga e sobreverga retas, com duas folhas com frisos verticais, sendo ladeada pelas janelas também em verga e sobreverga retas (f28), com guilhotina em caixilho branco de vidro e folhas cegas internamente – modelo original.



26



27



28

No tramo secundário, a exemplo das outras fachadas, as janelas com venezianas e vidro são adaptações, sendo todas as esquadrias tingidas de verde (f29). Observa-se o uso de básculas de caixilho de madeira com vidro (f30), utilizadas entre a parede divisória de dois quartos, e na caixa da escada, voltada para um dos quartos e para a sala de jantar.

O acesso ao interior da casa ocorre através de uma escada em semicírculo de pedra lavrada, que conduz ao primeiro cômodo – a sala de estar (f31). Neste cômodo se abrem três portas: nas extremidades, para dois quartos (f32), e ao centro, para um corredor (f33) que conduz à sala de jantar, passando antes por um quarto (f34) e por um pequeno *hall* da antiga escada de acesso ao extinto pavimento superior, acesso que atualmente permite a visita ao desvão do telhado (f35) e que exhibe piso e guarda-corpo em madeira.

A sala de jantar (f36 e f37) se comunica diretamente com um banheiro (f38) e mais dois quartos, os quais, cada qual por sua vez, se interligam a mais um quarto (f39).



29



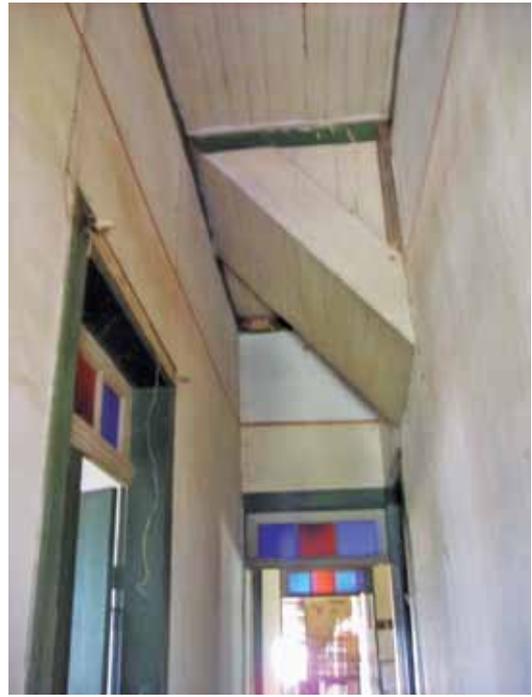
30



31



32



33



34



35



36



37

O da direita possui ainda banheiro improvisado a meia parede (f40). Seguindo o trajeto, a cozinha anexa ao cômodo da despensa tem janelas protegidas externamente com gradil em madeira. Uma escada em pedra conduz à área de serviço, um espaço avarandado com cobertura em meia-água, protegido por mureta de alvenaria e rústicos portões, com antigo tanque em cantaria e forno de barro (f41).

O telhado com cobertura de telhas de capa e bica, subdivide-se em duas águas a cada bloco edificado e mantém, em cada frontão, à moda dos chalés, um óculo em formato quadrilóbulo¹, que além de decorativo, proporciona iluminação e ventilação aos desvãos do telhado. O beiral é arrematado com tabuado estreito, padrão que não condiz com o original, que apresentava acabamento em lambrequim em madeira. Na base do beiral, delineando todas as fachadas, há um friso decorativo em massa na cor branca que contrasta com o amarelo das paredes, cuja tonalidade é produzida com a mistura de terra. As portas internas possuem bandeira em caixilho de vidros coloridos (vermelho e azul), com duas folhas cegas para fechamento. Excetuam-se a porta do banheiro – que foi acrescido no quarto – e a cozinha, cujas folhas da porta são almofadadas.

O forro da casa alterna o uso de peroba rosa e cedrinho, com pintura branca e arremate na cor verde, cujo emprego estende-se inclusive à antiga caixa de escada. Somente o banheiro junto à sala de jantar apresenta resquícios do forro original em saia e camisa. Na sala de estar, foi mantido o rodapê decorativo em recorte curvo; na cozinha e despensa, se apresenta cobertura em telha vã, e na área de serviço, a cobertura de amianto foi forrada com painéis de MDF.

O assoalho não corresponde ao original, sendo formado por tábuas finas justapostas. O piso de cimento liso foi mantido no banheiro, cozinha, despensa e área de serviço.

As paredes internas recebem caiçação em cada cômodo, com tons pastéis de azul, verde, amarelo e rosa, com barrado branco junto ao forro em remate, sempre delimitadas com friso pintado em marrom.

A estrutura em pau a pique da sede coexiste com outras paredes mais novas de tijolo maciço e furado, apresentando arcabouço autônomo de madeira com frechais, madres, pilares e barrotes. Já as construções no entorno da casa, como garagens e depósitos, são de alvenaria com coberturas mistas de amianto e telha francesa. A casa do caseiro, hoje abandonada, tem paredes de adobe e telhado com telhas canal; o antigo paiol, com piso elevado e sustentado com estrutura de madeira, mantém a cobertura de telhas cerâmicas tipo capa e bica.



38



39



40



41

¹ Figura ornamental formada pela ligadura de quatro porções de arcos ogivais

A casa-sede mantém uma estrutura sólida, porém, com a falta de manutenção e conservação, vem perdendo ao longo do tempo suas características originais, como o lambrequim e arremates do beiral, além das esquadrias, que se apresentam em avançado estado de deterioração, propiciando alterações e substituições por outras peças diversas das originais (f42). Nota-se a perda do volume superior em função do estado de degradação, subtraindo do casarão a plasticidade e a originalidade dos charmosos chalés oitocentistas.

É importante frisar que muitas de suas paredes centenárias estão com rachaduras (f43), fissuras (f44) e descolamento do emboço (f45), apesar de não se notar degradação dos barrotes de sustentação. De fato, não há acesso ao porão, porém julga-se, pela conformação do assoalho, que as peças estejam íntegras.

Esses danos são atribuídos às explosões realizadas para a construção da barragem da usina, que produzem abalos contínuos que podem ser sentidos na sede, localizada a menos de um quilômetro da obra.

As paredes externas apresentam trechos de sujidades e exposição da estrutura em pau a pique (f46), embasamento com presença de infiltração ascendente, pulverulência e formação de limo.



42



43



44



45



46

Os cunhais já não apresentam a devida proteção da pintura (47).

O madeiramento do telhado (f48) aparenta estar em bom estado, no entanto pode ser observada a antiga fiação elétrica sobre o forro, sem a proteção de eletrodutos. Externamente, além da deterioração do beiral, muitas peças estão comprometidas pela ação das intempéries, com presença de vegetação na cobertura (f49), com depressão de área de telhamento (f50), o que sinaliza a fadiga da estrutura imediata de suporte. Na fachada posterior, chamam atenção os frechais seccionados, conferindo a impressão de que havia uma continuidade do telhado (f51).

As patologias identificadas nas alvenarias internas são representadas pelos trechos reformados (alvenaria mista), que apresentam sujidades, fissuras de verga e rachaduras, e pelo banheiro, cuja parte superior da parede em pau a pique desconectou-se da estrutura principal (f52), vindo a ruir.

O forro do casarão, de maneira geral, mostra áreas de deterioração por infiltração descendente e ação de insetos xilófagos. Na sala de estar pode-se observar o descolamento do forro junto à parede (f53), comprometendo as paredes estruturais. Na área de serviço, a umidade comprometeu toda a forração.

O assoalho desgastado e sem proteção possui pontos destruídos por cupins, assim como algumas portas internas (f54). No primeiro quarto a que se tem acesso a partir do corredor, foram erguidos dois pilares (f34) – possivelmente em concreto armado – fazendo a sustentação do telhado. No quarto seguinte e na sala de jantar, uma peça de madeira também cumpre a função de reforçar a cobertura (f37).

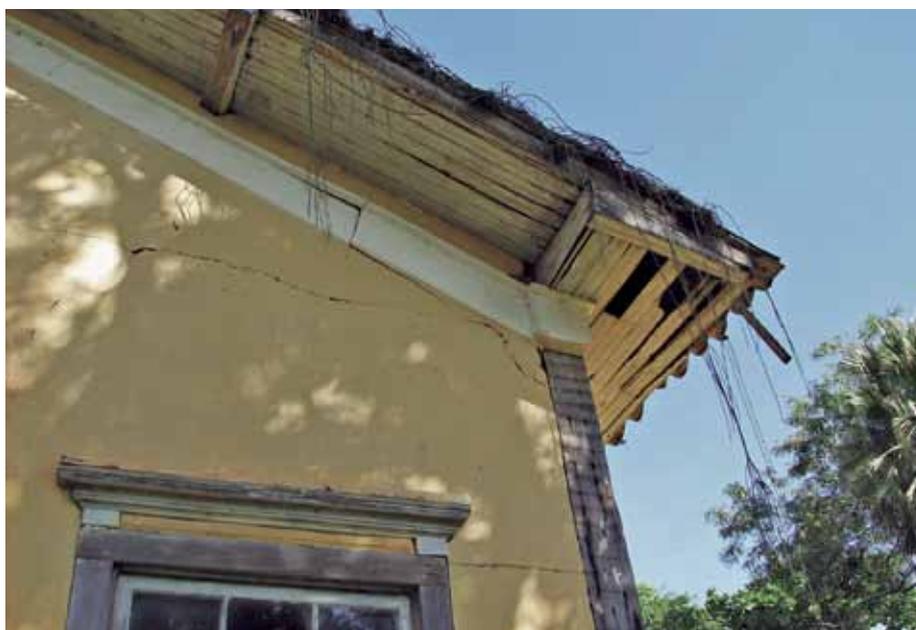
A caixa d'água, em alvenaria, apresenta infiltrações e está coberta de limo. As demais construções, como garagens e depósitos, apresentam sujidades e parte do telhamento de amianto danificado.



47



48



49



50



51



52

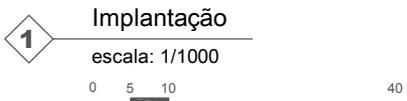
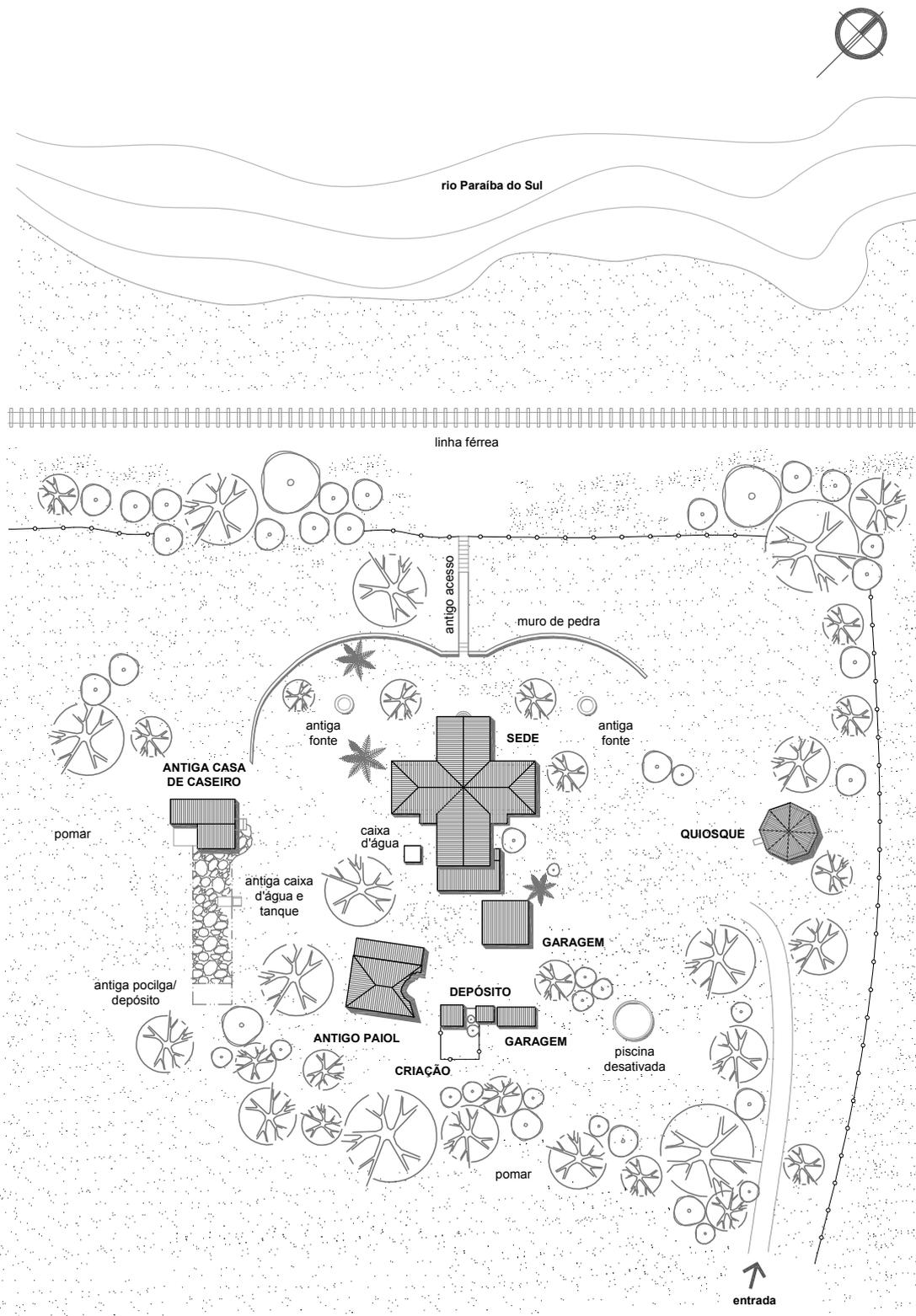


53



54

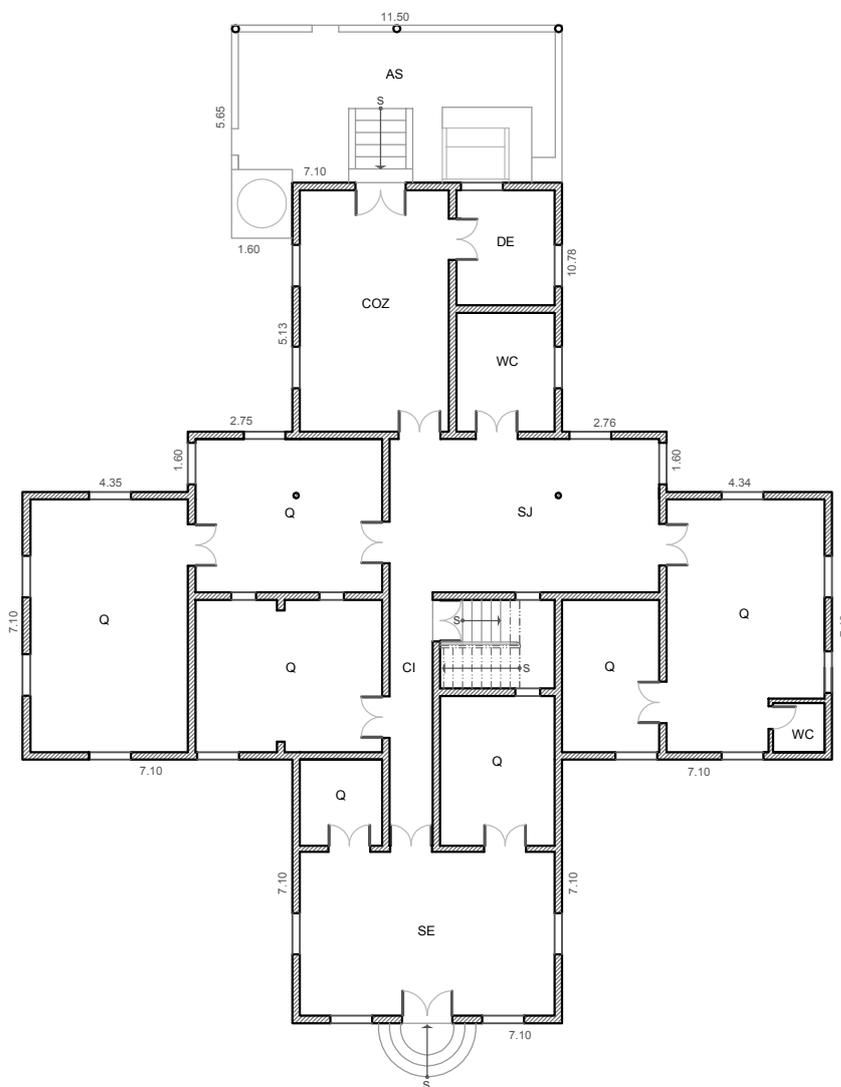
FAZENDA BARRA d' ANTA



FAZENDA BARRA d' ANTA

Observações:

1. O segundo lance da escada interna acessava área hoje demolida do 2º pavimento (ver foto 25 da ficha). Atualmente esta escada presta-se apenas para o acesso à área interna do telhado.



1 Planta Baixa - Sede
 escala: 1/200

AS - área de serviço	COZ - cozinha	Q - quarto	SJ - sala de jantar	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida

equipe: Sonia Mautone Rachid / J. Roberto M. Ribeiro / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: abr 2010
---	--	-------------------------------	-------------------

A construção da Fazenda Barra d'Anta aconteceu na década de 1870, por ocasião da implantação da rede ferroviária na região, com a abertura da estação de Anta, em 1875. A estação ficava localizada no antigo ramal de Porto Novo, da Estrada de Ferro Dom Pedro II.

A bela sede da fazenda ficava situada no sopé do morro e tinha aproximadamente 60 alqueires. Prosperou com o plantio do café e possuía uma vila com dez casas de colonos, várias edificações rurais, como moinho, tulha, engenho e um alambique onde se produzia a cachaça e o açúcar mascavo, que era também comercializado. A sede foi desfeita e novamente edificada sobre um platô e voltada para uma bela paisagem, com o Rio Paraíba do Sul ao fundo e a linha férrea passando junto à fazenda.

O casal proprietário, Domingos José Monteiro e Madalena de Miranda Carvalho, falecida em 1938, tiveram cinco filhos: Damas Carvalho Monteiro, Marília Carvalho Monteiro, Lincoln de Miranda Carvalho Monteiro, José de Miranda Carvalho Monteiro e Pedro Alcântara de Miranda Carvalho Monteiro. Este último, o mais novo, nasceu em 1902, viria a adquirir mais tarde as partes dos irmãos, se tornando o único proprietário da fazenda. Seus descendentes foram José de Souza Miranda de Carvalho – que nasceu em 1926 e é quem relata tais informações – e Lincoln de Souza Miranda de Carvalho, já falecido, cuja filha herdou a Fazenda Barra d'Anta. Conta-se ainda que Dom Pedro II chegou a pernoitar na sede da fazenda e tal prestígio se deveu à estreita amizade que os pais de D. Madalena – Adelaide A. Franco e coronel Damas Barroso de Carvalho – mantinham com o imperador.